

OPINIÃO

CONVIDADO



Nuno Guita

Investigador e consultor de compliance

Profissionais a organizar o branqueamento de capitais

A Europol identificou, num estudo recente, aproximadamente 400 profissionais que, dedicando-se ao branqueamento de capitais, têm infligido prejuízos de milhares de milhões de euros na economia. Concretamente, refere-se que, entre 0,7% e 1,2% do PIB Europeu, estará envolvido em actividades financeiras suspeitas. Deste volume, apenas uma ínfima parte é descoberta, já que 99% dos casos de branqueamento de capitais ficam por detectar.

A descoordenação das diversas autoridades é apontada como principal factor. Aliás, vários países foram advertidos e/ou denunciados nos tribunais europeus por negligência na aplicação dos esforços de prevenção ao branqueamento. É comum desvalorizar a exposição da indústria financeira aos *desaires* da criminalidade financeira. Só isso justifica uma completa inépcia dos reguladores nesta matéria que, contrastando, com preocupações com riscos de rácios de liquidez, se permitem uma negação das suas responsabilidades. Em suma: mantém-se o desinteresse, tanto dos banqueiros, como reguladores para a prevenção do branqueamento de capitais!

Assunto sério

Atento a que os esforços dos bancos europeus para melhorar as suas estruturas de *compliance* custam por ano aproximadamente 16 mil milhões de euros, olhar para o branqueamento como mera manifestação delinquente ou “apenas” como um assunto de polícia é a negação da relação fiduciária.

O recente exemplo do Danske Bank, cujas actividades de branqueamento, a partir da Letónia por conta de “capitais sujos” sobretudo russos, o estão a conduzir à ruína, deveria servir para avivar a memória. Daqui podemos retirar que, uma vez tomada por capitais de origem criminosa, uma instituição financeira encontra-se tão ou mais exposta quanto num cenário de crise e os riscos não são apenas reputacionais.



Profissionais a sério

Contrariando o discurso de vanguarda contra o crime organizado, o descontrolo parece total. Por exemplo, na Suíça, cada consultor financeiro surge acompanhado por cinco advogados de *compliance*, apenas para desaplicar as regras. Na banca francesa mantém-se o segredo bancário e a desorganização é tal que nem é possível determinar quem tem conta bancária. É a própria UE a violar o seu direito e a expor-se ao ridículo.

Na prática, continuamos a assistir, um pouco por todo o

mundo, à articulação de vários profissionais (advogados, contabilistas, auditores, etc...) a pretexto de otimização fiscal ou criatividade financeira a encobrirem e até promoverem o branqueamento de capitais e, dessa forma, os crimes precedentes.

Na prática

Desconheço uma só intervenção de uma qualquer ordem profissional em casos de branqueamento de capitais. Isto contrasta com os casos concretos de esquemas propostos para branquear capitais de Angola, com destino a Portugal, passando pela China e pela América Latina. Não deixa de surpreender a “agressividade comercial” com que estes “profissionais do branqueamento” abordam particulares para os aliciar. Não raras vezes acabam por cobrar, em comissões criminosas, muito mais do que o simples cumprimento das obrigações fiscais custaria aos últimos beneficiários.

A acção do GAFI

O GAFI publicou em Julho passado o seu relatório sobre ameaças, em que aborda justamente agentes criminosos, incluindo grupos do crime organizado que se especializam na prestação de serviços profissionais de branqueamento de capitais e agentes dolosamente empenhados ou negligentes. Foram identificadas várias características, incluindo as funções desses branqueadores profissionais, seus modelos de negócios e tipologias e esquemas relevantes.

O pior ainda está para vir

Mas para além do relatado pelo GAFI e do que as UIF nacionais detectam, já sabemos hoje que a conjugação das criptomoedas com o potencial de anonimidade da Darknet potenciam o exponencial crescimento de um mundo paralelo do qual “império Silkroad” é uma pequenissima amostragem.

Grupos do crime organizado especializam-se na prestação de serviços de branqueamento

Nesse mundo alimentado pela apetência para a fraude, a sofisticação profissional e o desenvolvimento tecnológico, escapa o crime organizado e profissional a qualquer supervisão, regulação e até esforços de investigação. Estando o mundo virtual acessível em qualquer teclado nas Lundas não é de excluir que a probabilidade é tanta em Angola como em Nova Iorque.

Citando Alfred Hitchcock: encontramos-nos na zona de penumbra, o lugar onde tudo pode acontecer! E pode bater à porta de qualquer um; indivíduo, empresa ou país.

Tomada por capitais de origem duvidosa, uma instituição financeira encontra-se exposta como num cenário de crise